

## JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS E APROXIMAÇÕES EMPÍRICAS SOBRE OS DESAFIOS DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO PÚBLICO FLUMINENSE<sup>1</sup>

YOUTH AND EDUCATION: CONCEPTUAL ARTICULATIONS AND EMPIRICAL APPROACHES TO THE CHALLENGES FACED BY YOUTH IN PUBLIC HIGH SCHOOL IN RIO DE JANEIRO STATE

Ana Carla de Oliveira Pinheiro<sup>2</sup>  
Bárbara Buarque de Macedo Lira<sup>3</sup>  
Nathan Gomes<sup>4</sup>  
Natália Cristina Corrêa Castelo Branco<sup>5</sup>  
Maria Alice Nunes Costa<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute as relações entre juventude e educação, com foco nos desafios enfrentados por jovens da rede pública de ensino médio na Região Serrana Fluminense (RJ). O objetivo principal é analisar como as políticas educacionais, em especial o Novo Ensino Médio, interagem com as trajetórias de vida dos jovens, produzindo processos de desfiliação social e evasão escolar. Adotamos uma metodologia quali-quantitativa, combinando revisão bibliográfica aprofundada, grupos focais com 191 participantes, aplicação de surveys a 240 estudantes, observação participante e a técnica de photovoice para capturar as perspectivas dos jovens. Os resultados preliminares revelam a diversidade das trajetórias juvenis, fortemente influenciadas por fatores como sociabilidades híbridas, que conjugam experiências urbanas e rurais, e projetos de vida que apontam para uma desconexão significativa entre o currículo escolar e as expectativas de futuro juvenis. A contribuição deste estudo reside em analisar, por uma perspectiva mista, características das vivências educacionais e sociais de jovens de três municípios da Região Serrana Fluminense, a saber: Areal Petrópolis e Teresópolis, oferecendo subsídios para a formulação de políticas públicas mais eficazes.

**Palavras-chaves:** Juventude. Educação. Evasão Escolar. Novo Ensino Médio. Desfiliação Social. Photovoice. Região Serrana Fluminense.

---

<sup>1</sup>O trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq), (Pesquisa de Produtividade), desde 2023; e da FAPERJ (APQ1), desde 2024.

<sup>2</sup>Pesquisadora de Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense/PPGSD-UFF.

<sup>3</sup>Pesquisadora do Laboratório de Políticas Públicas, Governança e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense – LADER/UFF.

<sup>4</sup>Pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas, Governança e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense – LADER/UFF.

<sup>5</sup>Pesquisadora de Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense/PPGSD-UFF.

<sup>6</sup>Professora Titular da Universidade Federal Fluminense.

**ABSTRACT:** This article discusses the relationships between youth and education, focusing on the challenges faced by public high school students in the Serrana Fluminense Region (RJ). The main objective is to analyze how educational policies, particularly the New High School, interact with young people's life trajectories, producing processes of social disaffiliation and school dropout. We adopted a quali-quantitative methodology, combining an in-depth bibliographic review, focus groups with 191 participants, surveys applied to 240 students, participant observation, and the photovoice technique to capture young people's perspectives. Preliminary results reveal the diversity of youth trajectories, strongly influenced by factors such as hybrid sociabilities that combine urban and rural experiences, and life projects that indicate a significant disconnection between the school curriculum and youth future expectations. The contribution of this study lies in analyzing, from a mixed perspective, the characteristics of the educational and social experiences of youth from three municipalities in the Serrana Fluminense Region, namely Areal, Petrópolis, and Teresópolis, providing subsidies for the formulation of more effective public policies.

**Keywords:** Youth. Education. School Dropout. New High School. Social Disaffiliation. Photovoice. Serrana Fluminense Region.

## 1 INTRODUÇÃO

A juventude brasileira se encontra numa encruzilhada de oportunidades e desafios, especialmente no que tange ao acesso à uma formação sólida que esteja adequada às suas expectativas e projetos de vida. Este cenário é particularmente complexo para os jovens da rede pública de ensino médio, que frequentemente navegam por um sistema educacional que nem sempre dialoga com as suas realidades socioeconômicas e aspirações de futuro. A implementação do Novo Ensino Médio (Lei n.º 13.415/2017) buscou reformular essa etapa educacional, prometendo maior flexibilidade e alinhamento com as demandas do século XXI, mas sua efetividade e impacto nas trajetórias juvenis ainda são objeto de intenso debate e investigação.

Este artigo propõe uma análise aprofundada das articulações conceituais entre juventude e educação, utilizando como lente teórica a noção de desfiliação social de Robert Castel (1995), para compreender os processos que levam ao desengajamento institucional e eventual evasão escolar. O nosso estudo se debruça sobre a realidade da Região Serrana Fluminense (RJ), especificamente os municípios de Areal, Petrópolis e Teresópolis. Uma área que, apesar da sua proximidade com grandes centros urbanos, apresenta uma realidade socioeconômica e cultural desafiadora que moldam as experiências educacionais dos seus jovens. Por uma abordagem metodológica quali-quantitativa, buscamos dar voz a esses sujeitos, compreendendo a suas percepções sobre a escola, o futuro e as barreiras que enfrentam.

A relevância deste trabalho reside na tarefa de compreender as dinâmicas que influenciam na elaboração dos projetos de futuro de jovens residentes em contextos

extrametropolitanos. Ao integrar dados empíricos coletados na Região Serrana Fluminense com a produção teórica sobre juventude, este estudo visa não apenas diagnosticar problemas, mas também oferecer subsídios concretos para a formulação de políticas públicas educacionais e sociais mais orientadas às necessidades e potencialidades da juventude brasileira.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A juventude no Brasil é um segmento populacional numeroso e heterogêneo, com experiências marcadas por desigualdades sociais e regionais. A transição da adolescência para a vida adulta é um período de intensas transformações e decisões cruciais, sendo significativamente influenciadas pelo contexto socioeconômico em que os jovens estão inseridos. Por isso, a categoria juventude não pode ser compreendida de forma monolítica.

Ao contrário, é imperativo reconhecer a categoria juventude no plural, ou seja, como “juventudes”, que além de tudo são construções sociais e culturais atravessadas por marcadores de classe, raça, gênero, território e religião. Essa perspectiva pluralista, defendida por autores como Dayrell (2003), permite-nos ir além de uma visão homogeneizadora e apreender as múltiplas formas de ser jovem, cada uma com as suas especificidades e potencialidades. Durante muito tempo, o conceito de juventude apontou para uma temporalidade específica marcada basicamente por critérios etários e que se definia por um tempo de negatividade, ou seja, um período de transitoriedade entre a infância e a vida adulta orientada por contestações provenientes da imaturidade física, intelectual e moral.

Considerando a profusão de trabalhos e interpretações de inegável valor já realizadas nos estudos sobre a juventude, atualmente é desnecessário se fazer digressões muito exaustivas nesta seara. Com efeito, sumariamos algumas das perspectivas que nos embasaram em nossa investigação.

Partimos da definição de que as fronteiras que demarcam o início e o término do período do ciclo de vida caracterizado como “juventude” envolvem um conjunto de fenômenos objetivos e subjetivos, sociais e individuais que tendem a variar de sociedade para sociedade (Weisheimer, 2013). Os atuais estudos sobre juventude, ancorados na Sociologia da juventude e na Antropologia, afirmam que para além da concepção “naturalista” de fase transitória de vida, a juventude é uma categoria social (Dayrell, 2003; Groppo, 2017; Pais, 1990; Peralva, 1997). Com efeito, ela acaba sendo produto de um complexo processo de construção sócio-histórica, se constituindo como uma condição social (Peralva, 1997) e uma representação (Souza, 2021).

No escopo deste artigo defendemos que além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história, o que nos impele a pensá-la como fenômeno multifacetado, não delimitado por faixa etária.

Ser jovem, na sociedade contemporânea, é vivenciar uma experiência inédita. Se a história não se repete e os processos culturais sofrem suas devidas e necessárias alterações, também a experiência de juventude não pode ser a mesma ao longo dos anos e, por isso, merece atenção e cuidados especiais no que tange à reflexão e à criação de novos conceitos de identidade (Guimarães e Grinspun, 2008).

A juventude, como agente social relevante, sempre contribuiu ativamente para os processos de transformação da sociedade ao colocar em xeque as práticas do *status quo*, sendo simbolicamente representada como categoria portadora da mudança. E, neste processo, um elemento fundamental para promover esse potencial da juventude é a educação. Pois, ela é peça fundamental para a efetivação da cidadania e democracia nas sociedades modernas.

Neste sentido, a educação é capital na formação das trajetórias juvenis. Mais do que um espaço de transmissão de conhecimentos, a escola é um ambiente de socialização, de construção de identidades e de projeção de futuros.

Contudo, para muitos jovens, a instituição escolar pode se tornar um espaço de exclusão, onde as expectativas e os currículos não se alinham às suas realidades. É nesse ponto que a teoria da desfiliação social de Robert Castel (2004) se mostra particularmente pertinente. Castel analisa a desfiliação como um processo de ruptura dos laços sociais que conectam o indivíduo à sociedade, seja pelo trabalho, pela família ou por outras redes de solidariedade. No limiar do século XXI, as vulnerabilidades dos jovens expandiram-se associadas à sua desfiliação identitária das escolas. Neste sentido, abandono e evasão escolar conectam-se no processo de dessocialização ou desintegração social, gerando uma ruptura institucional com as redes de proteção social que envolvem os estudantes e suas famílias.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de (Pnad, 2025) indicam que o Brasil ainda enfrenta um desafio de monta para a garantia de oportunidades educacionais e laborais para seus jovens. Cerca de 17,9% dessa população entre 14 e 29 anos está na condição de não estudar nem trabalhar, números que somados dão conta de aproximadamente 8,9 milhões de indivíduos (Pnad Contínua, 2025).

A evasão escolar no ensino médio, fenômeno analisado em nosso estudo, é um dos principais fatores que contribuem para o aumento desse contingente (Costa e Pinheiro, 2024). As causas são multifacetadas, incluindo a necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, a falta de interesse no currículo escolar, a violência no ambiente escolar ou no trajeto casa e escola e a ausência de perspectivas de futuro que a escola possa oferecer.

A oferta de ensino médio público muitas vezes não consegue suprir as demandas por uma educação que prepare os jovens tanto para o ensino superior quanto para o mundo do trabalho. Agrava esse quadro o entendimento das dinâmicas regionais que são cruciais para desvendar as nuances da desfiliação social e da evasão escolar em contextos específicos, como é o caso da Região Serrana Fluminense.

O Novo Ensino Médio (NEM), com sua proposta de itinerários formativos e maior flexibilidade curricular, buscou responder a algumas das severas críticas dirigidas ao sistema educativo, visando tornar a escola mais atrativa e relevante para os jovens. No entanto, o NEM, implementado em 2017, e reformulado em 2024, tem gerado importantes controvérsias, especialmente quanto à sua capacidade de reduzir as desigualdades e de preparar efetivamente os estudantes para o mundo do trabalho e para a continuidade dos estudos.

A análise crítica dessas articulações conceituais é essencial para compreender os achados empíricos do estudo que investigou os desafios de estudantes do ensino médio da rede pública e propor intervenções que realmente impactem positivamente as vidas dos jovens.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem metodológica quali-quantitativa, buscando aprofundar a compreensão dos fenômenos da juventude e educação na Região Serrana Fluminense (RJ) por meio da triangulação de diferentes fontes e técnicas de coleta de dados. A pesquisa foi desenvolvida em três municípios da região: Petrópolis, Teresópolis e Areal.

A fase qualitativa incluiu a realização de 12 grupos focais, envolvendo um total de 191 jovens estudantes do ensino médio em 6 escolas públicas da rede estadual. Os grupos focais foram conduzidos com roteiros semiestruturados, abordando temas como percepções sobre a escola, expectativas de futuro, desafios enfrentados e a relação com o Novo Ensino Médio. Adicionalmente, foi utilizada a técnica de photovoice, em que os participantes foram convidados a registrar fotograficamente aspectos de suas vidas e de seu ambiente escolar, promovendo uma narrativa visual que complementou as discussões verbais (Costa, 2025). A observação

participante nas escolas também foi empregada para contextualizar as falas dos jovens e identificar dinâmicas sociais relevantes.

A fase quantitativa consistiu na aplicação de questionários estruturados a 240 estudantes do ensino médio da rede pública, utilizando a plataforma *Google Forms*. Os questionários contendo 60 questões coletaram dados sociodemográficos, informações sobre o desempenho escolar, aspirações educacionais e profissionais, percepções sobre o currículo e a infraestrutura escolar, e fatores que poderiam levar à evasão. A amostra foi selecionada de modo aleatório, buscando diversidade entre as escolas e municípios participantes e a prevenção de vieses na pesquisa. Os dados foram tabulados e analisados com o auxílio do programa SPSS®.

A análise dos dados qualitativos foi realizada pela equipe de pesquisadores por meio da análise de conteúdo temática, com a validação sendo realizada entre os pares, identificando categorias e padrões emergentes nas transcrições dos grupos focais e nas narrativas do photovoice. Os dados quantitativos foram analisados utilizando estatística descritiva (frequências, médias) para identificar correlações e diferenças significativas entre os grupos. A triangulação dos dados permitiu uma compreensão mais rica e multifacetada dos fenômenos estudados.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil, e todos os participantes, ou seus responsáveis legais no caso de menores de idade, assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou Termos de Assentimento, garantindo a voluntariedade e o anonimato.

As principais limitações do estudo incluem o caráter preliminar de alguns resultados, a amostra não probabilística dos surveys e grupos focais, o que impede a generalização estatística para toda a população de jovens da Região Serrana Fluminense, e a natureza transversal da coleta de dados, que não permite inferências causais diretas sobre as trajetórias de desfiliação ao longo do tempo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa, realizada na Região Serrana Fluminense, abrangeu os municípios de Areal, Petrópolis e Teresópolis, revelando um panorama complexo da experiência escolar no Ensino Médio. A heterogeneidade socioeconômica e cultural intrínseca a essa região, com suas disparidades urbanas e rurais, se espelha nas desigualdades educacionais que se reproduzem no ambiente escolar.

A distribuição dos participantes por município de residência é apresentada na Tabela 1. Observa-se uma concentração significativa de respondentes de Petrópolis, o que, embora reflita a maior densidade populacional e número de escolas na cidade, impõe uma ressalva metodológica. A baixa representatividade de Areal (3,3%) limita a generalização das conclusões para este município, sugerindo a necessidade de estudos complementares focados em contextos de menor porte para uma compreensão mais equitativa das dinâmicas locais.

**Tabela 1.** Município de residência

Município de Residência	Frequência	Porcentagem
Areal	8	3,3%
Petrópolis	150	62,5%
Teresópolis	82	34,2%
Total	240	100,0%

**Fonte:** Elaboração dos autores.

A Tabela 2 apresenta a distribuição etária dos estudantes. A prevalência de estudantes com 17 anos (35,8%) alinha-se com a faixa etária esperada para o término do Ensino Médio no Brasil, conforme o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013). A presença de alunos mais jovens (15 e 16 anos) e mais velhos (18 anos ou mais) representa a heterogeneidade dos interlocutores que estavam vivenciando fases distintas do percurso escolar. Essa diversidade etária sugere diferentes níveis de maturidade e expectativas, impactando a forma como os conteúdos e as propostas do NEM são recebidos e processados pelos estudantes.

**Tabela 2.** Idade

Idade	Frequência	Porcentagem
15 anos	12	5%
16 anos	55	22,9%
17 anos	86	35,8%
18 anos	59	24,5%

19 anos ou mais	24	10%
Sem resposta	4	1,6
Total	240	100,0%

**Fonte:** Elaboração dos autores.

A Tabela 3 detalha a modalidade de ensino e a série dos participantes. A predominância da modalidade Regular (60%) sobre o Ensino Médio Integral (34,5%) é um dado relevante. Essa distribuição pode ser interpretada como um indicativo da desafios da educação em tempo integral, que, apesar de suas promessas de aprofundamento e diversificação curricular, muitas vezes não alcança a maioria dos estudantes, especialmente aqueles que precisam conciliar estudos com trabalho ou outras responsabilidades. A concentração no 2º ano (31,6%) e 3º ano (37,5%) reflete a fase de maior contato com as inovações do NEM, tornando esses grupos cruciais para avaliar a implementação da reforma.

**Tabela 3.** Tabulação cruzada: Qual a modalidade do ensino que você frequenta? X Qual série do Ensino Médio você frequenta atualmente?

		Qual série do Ensino Médio você frequenta atualmente?			Total	%
		(1) 1º	(2) 2º	(3) 3º		
Qual a modalidade do ensino que você frequenta?	(1) Ensino Médio Regular	34	56	54	144	60%
	(2) Educação de Jovens e Adultos Presencial (EJA/Presencial)	0	0	1	1	0,4%
	(2) Ensino Médio Regular Integrado à Educação Técnica Profissional	4	3	5	12	5%
	(4) Ensino Médio Integral	36	17	30	83	34,5%
Total		74	76	90	240	100%

**Fonte:** Elaboração dos autores

A Tabela 4 explora as motivações dos estudantes e a percepção de ajuda do NEM para seus objetivos. A aspiração ao Ensino Superior (69 ocorrências) domina as respostas, indicando que, para a maioria, a escola ainda é vista como um trampolim para a universidade. Essa forte



orientação para o ensino superior pode ser interpretada como a reprodução de aspirações de mobilidade social, donde a universidade é vista como caminho para o sucesso, uma estratégia fomentada por políticas educacionais como o Enem, Prouni e Fies que focalizam esse percurso escolar. Curiosamente, a percepção de que o NEM ajuda nesse objetivo é significativamente menor (23 ocorrências), sugerindo um descompasso entre as expectativas dos alunos e a eficácia percebida da reforma.

**Tabela 4.** Tabulação cruzada: Qual é a sua principal motivação para cursar o Ensino Médio? X 58.3. Você considera que o Ensino Médio atual lhe ajudará a alcançar seus objetivos de vida?

		Você considera que o Ensino Médio atual lhe ajudará a alcançar seus objetivos de vida?		Total
		(1) Sim	(2) Não	
Qual é a sua principal motivação para cursar o Ensino Médio?	(1) Trabalhar no próprio negócio	17	18	35
	(2) Adquirir mais conhecimentos	23	24	47
	(3) Realizar um curso técnico	4	7	11
	(4) Preparação para o Ensino Superior	19	50	69
	(5) Ingressar no mercado de trabalho	9	31	40
	(6) São meus pais que me obrigam	2	8	10
	(7) Interagir com os meus colegas	3	11	14
	(8) Nenhum	4	10	14
Total		81	159	240

**Fonte:** Elaboração dos autores.

Os grupos focais realizados permitiram aprofundar a compreensão das percepções e experiências, categorizando as narrativas em temas emergentes que complementam os dados quantitativos. As discussões revelaram críticas contundentes ao Novo Ensino Médio, nuances na interação com o corpo docente e diretivo, e a subutilização de espaços escolares, conforme detalhado a seguir.

Novo Ensino Médio (NEM):

As críticas ao Novo Ensino Médio foram o tema mais recorrente e veemente nos grupos focais, com 53 ocorrências de sugestões pelo fim reforma. Os estudantes expressaram um sentimento generalizado de desapontamento e frustração com a implementação do NEM. Muitos relataram que os Itinerários Formativos, principal inovação da política, são percebidos

como “desnecessárias” ou “perda de tempo”, com conteúdos superficiais e desconectados de seus projetos de vida.

O que mais atrapalha a gente são as eletivas, do Novo Ensino Médio. Elas ocupam matérias que são fundamentais pra gente. Isso vai prejudicar muito a gente, porque a gente está perdendo muita coisa importante. (estudante de Teresópolis).

Essa percepção contrasta drasticamente com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) de tornar o ensino médio mais flexível e atrativo. Em vez disso, a reforma parece ter gerado um currículo fragmentado e, em muitos casos, empobrecido, especialmente em escolas com menos recursos, onde a oferta de itinerários é limitada e de baixa qualidade. Essa realidade ecoa as preocupações de especialistas que apontam para o aprofundamento das desigualdades educacionais, onde escolas de periferia ou com menos investimento oferecem itinerários menos robustos, enquanto escolas mais privilegiadas conseguem implementar propostas mais qualificadas. A implementação do NEM, conforme as narrativas dos alunos, tem agravado a lacuna de aprendizagem em vez de mitigá-la, ao desviar tempo de disciplinas essenciais para atividades percebidas como irrelevantes.

### **Interação com corpo docente e equipe diretiva**

A relação com professores e a equipe diretiva emergiu como um ponto de tensão e, ao mesmo tempo, de potencial. Embora muitos alunos valorizem o apoio e a dedicação de alguns professores, há uma crítica à falta de diálogo e à postura autoritária de outros “Tanto o transporte quanto a convivência com os professores É o maior problema. O pessoal da escola não entende.” (estudante de Petrópolis).

As sugestões dos alunos, como "mais escuta" e "professores mais abertos", indicam um desejo por uma interação mais colaborativa, onde as suas vozes sejam ouvidas e suas necessidades, consideradas. A falta de um canal efetivo para expressar suas opiniões e influenciar as decisões escolares contribui para o sentimento de desengajamento.

### **Atratividade da escola e subutilização de espaços das escolas**

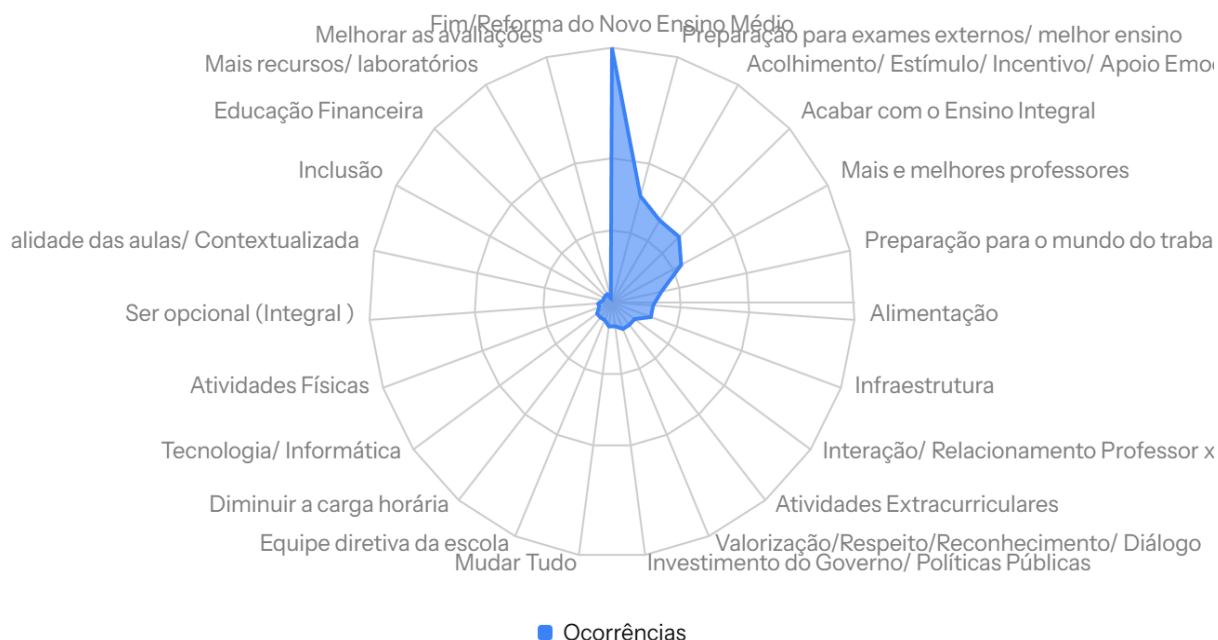
A atratividade do ambiente escolar e a subutilização dos seus espaços foram temas que revelaram a desconexão entre a infraestrutura existente e as práticas pedagógicas. Laboratórios, quadras esportivas e bibliotecas, quando presentes, são frequentemente subutilizados ou inacessíveis. “Sala de informática não é utilizada, os laboratórios utilizam pouco, a sala de

maker a maioria não foi, uma aluna esteve lá uma única vez. O lugar que mais frequentam é a quadra” (estudante de Teresópolis).

Essa subutilização representa não apenas um desperdício de recursos materiais, mas também um desperdício simbólico, ao privar os estudantes de experiências. A rotina escolar, muitas vezes monótona e centrada na sala de aula tradicional, agrava a falta de atratividade e contribui para o desinteresse e, no limite, para a evasão escolar. A escola, em vez de ser um polo de inovação e experimentação, torna-se um espaço de reprodução de práticas pedagógicas obsoletas.

A Pergunta 6o do questionário, que instava os estudantes a darem sugestões para melhorar a experiência escolar, gerou um total de 240 respostas, conforme detalhado no gráfico 1. A categoria "Reforma do NEM" foi a mais citada, reforçando a insatisfação generalizada com a estrutura atual. Outras sugestões importantes incluíram a melhoria da infraestrutura, a diversificação das atividades e o apoio psicológico. Essas sugestões, quando analisadas em conjunto, pintam um quadro claro das necessidades e desejos dos estudantes, que anseiam por uma escola mais relevante, acolhedora e equipada para os desafios deste século.

**Gráfico 1.** Sugestões para melhorar o Ensino Médio



**Fonte:** Elaboração dos autores.

Com base nas análises quantitativas e qualitativas, derivamos como implicações dos desafios juventude serrana fluminense frente à educação que são prementes a formulação e implementação de políticas educacionais de qualidade que responda às complexidades do mundo contemporâneo, sobretudo no que tange à preparação para o mundo do trabalho e construção de projetos de vida viáveis.

Neste sentido, é imperativo que a reforma do NEM, promovida em 2024, seja substancial, priorizando o fortalecimento os conteúdos cobrados em exames externos e a garantia de que os itinerários formativos sejam verdadeiramente relevantes e de qualidade.

Por outro lado, também é fundamental que as escolas sejam equipadas e incentivem seus estudantes à utilização plena dos seus laboratórios, bibliotecas e quadras. Além da possibilidade de parcerias com universidades e instituições, ensino, extensão e pesquisa, para a oferta de oficinas, projetos de extensão e capacitação para professores, transformando esses espaços em centros de inovação e aprendizado prático.

Algo que foi apontado também foi a necessidade de se implementar programas de apoio psicológico e emocional nas escolas, com a presença de psicólogos e assistentes sociais. A saúde mental dos estudantes é um fator crítico para o desempenho acadêmico e a permanência escolar, e as escolas devem ser espaços seguros e acolhedores para abordar essas questões.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou contribuir com a compreensão das questões colocadas aos jovens na contemporaneidade, especialmente aqueles residentes em contextos interioranos. Neste particular, sublinhou os desafios enfrentados pelos jovens do ensino médio público na Região Serrana Fluminense. Ao integrar a perspectiva teórica da desfiliação social de Robert Castel com dados empíricos, argumentamos que a experiência escola desses sujeitos tem se confrontado com uma desconexão estrutural entre a instituição escolar e as realidades socioeconômicas e aspirações dos jovens.

As verificações empíricas realizadas na Região Serrana Fluminense corroboram a complexidade da relação entre juventude e educação, evidenciando como as trajetórias educacionais são intrinsecamente ligadas às condições sociais e econômicas dos jovens. Os dados coletados, tanto qualitativos quanto quantitativos, revelam que a escola, embora percebida como um espaço de socialização e desenvolvimento pessoal, muitas vezes falha em

oferecer um caminho claro para a inserção no mercado de trabalho ou para a continuidade dos estudos superiores, especialmente após a implementação do Novo Ensino Médio.

A implementação do NEM, como política educacional, apesar de suas intenções de adequação às demandas dos estudantes, tem encontrado barreiras significativas na prática, resultando em uma oferta curricular que nem sempre atende às expectativas e necessidades dos jovens, especialmente em contextos de vulnerabilidade. A voz dos jovens, capturada através dos grupos focais e do photovoice, é objetiva ao expressar a necessidade de uma educação mais relevante, que os prepare para os desafios do mercado de trabalho e para a construção de seus projetos de vida.

A contribuição deste trabalho reside na sua capacidade de ir além do diagnóstico, propondo um conjunto de implicações políticas concretas, tais como: a revisão curricular, o fortalecimento das políticas de combate à evasão, o estabelecimento de parcerias interinstitucionais e o investimento em infraestrutura e no atendimento integral dos discentes. Esses são passos essenciais para reverter os processos de desfiliação e garantir que a educação seja um verdadeiro motor de inclusão social. É imperativo que as políticas públicas reconheçam a pluralidade das juventudes e construam soluções que dialoguem com suas realidades, transformando a escola em um espaço de oportunidades e pertencimento para todos.

13

Este estudo, embora com suas limitações, serve como um ponto de partida para futuras investigações, sugerindo a necessidade de pesquisas longitudinais que acompanhem as trajetórias dos jovens e avaliem o impacto de longo prazo das políticas educacionais. Somente com um compromisso político genuíno e contínuo com políticas educacionais efetivas poderemos construir um futuro mais promissor para a juventude brasileira.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: H. W. Abramo; P. P. M. Branco (Orgs.), Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, (pp. 37-72), 2008.

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira; Cadernos Adenauer XVI, nº1, 2015.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE In: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm) acesso em 27/mai/2025.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e institui Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm) Acesso em 07/set/2024.

\_\_\_\_\_. Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.945-de-31-de-julho-de-2024-575696390> Acesso em 07/set/2024.

CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à exclusão. Caderno CRH, Salvador, v. 17, n. 42, p. 263-276, 2004.

COSTA, M<sup>a</sup> Alice Nunes. Olhares da juventude serrana. Texto e curadoria Maria Alice Nunes Costa. – 1<sup>a</sup> ed. -Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025. Disponível em: <https://lader.uff.br/wp-content/uploads/sites/161/2025/10/Olhares-da-Juventude-Serrana.pdf> Acesso em 07/ab/2026.

\_\_\_\_\_. PINHEIRO, Ana Carla de O (org.). Juventude, educação e trabalho: entre sonhos e realidades. -1<sup>a</sup> ed. – Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024. 232 pp.

DAYRELL, J. O jovem como ser social. Revista Brasileira de Educação. Nº 24 set-dez 2003.

DIEESE. Número de jovens sem trabalho e estudo é o menor em 10 anos. Boletim Emprego em Pauta. Nº 1, Outubro de 2025. São Paulo: SP. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2025/boletimEmpregoPauta31.html> Acesso em 01/ab/2026.

14

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro 2005.

GROPPO, L. A. Introdução à sociologia da juventude. Luis Antônio Groppo - Jundiá: Paco Editorial, 2017. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/wp-content/uploads/sites/207/2021/08/28-GROPPO-Introducao-a-sociologia-da-juventude.pdf> Acesso em 05/mai/2024.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia; GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. GT-20: Psicologia da Educação. 2008. Disponível em: . Acesso em: nov. de 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE. 2022.

\_\_\_\_\_. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). Brasília: IBGE, 2024. [Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/17270-pnad-continua.html> . Acesso em 23/jun/2025.

KRUEGER, Richard A. e CASEY, Mary Anne. Focus Groups: Practical Guide for Applied Research. 5<sup>a</sup> ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2015.

LADER – Laboratório de Políticas Públicas, Governança e Desenvolvimento Regional. Os desafios do ensino médio para jovens da rede pública da Região Serrana Fluminense. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2024. Disponível em: <https://www.lader.uff.br/publicacoes>. Acesso em: 29 maio 2025.

MATOS, Ísis O. B. Juventude brasileira: dificuldade de definição. *Tempo da Ciência*, [S. l.], v. 29, n. 57, p. 79-86, 2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/29904> Acesso em: 11 mar. 2025. OCDE. (2022), *Education at a Glance 2022: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/3197152b-en>.

PAIS, J.M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise social*, vol. XXV (105-106), 1990, pp. 139 – 165.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1997, n.05-06, pp.15-24. ISSN 1413-2478. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-24781997000200003&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24781997000200003&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 13/nov/2026.

ROCHA, Heber Silveira. Juventude e políticas públicas: formação de agenda, elaboração de alternativas e embates no Governo Lula. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. São Paulo, p. 166. 2012.

SOUZA, Juliana Barbosa. Juventude(s): afinal, que sujeitos sociais são estes? 2021.

WEISHEIMER, Nilson. Apontamentos para uma sociologia da juventude. 2013. Cadernos de aplicação.